

Editora
Charme

SÉRIE WESTCOTT #5

ALGUÉM PARA
Confiar

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MARY
BALOGH

UM

Não havia nada como um Natal em família para fazer uma pessoa sentir o coração aquecido — ah, e também um pouco saudoso. E talvez até um pouco melancólico.

Brambledean Court, em Wiltshire, era o cenário de uma reunião assim pela primeira vez em muitos anos. Todos os Westcott estavam lá, desde Eugenia, a septuagenária condessa viúva de Riverdale, até seu mais novo bisneto, Jacob Cunningham, o bebê de três meses do casal Camille Westcott e Joel Cunningham. Todos haviam sido convidados por Alexander Westcott, o atual conde de Riverdale e chefe da família, e por Wren, sua esposa havia seis meses.

A casa ficara desabitada por mais de vinte anos antes de Alexander herdar o título, e já era um pouco decadente naquela época. Quando ele chegou, estava ainda mais deteriorada, e o parque ao redor adquirira um ar triste de abandono geral. Foi um desafio formidável para Alexander, que levava suas responsabilidades a sério, mas não possuía a fortuna necessária para realizá-las. Esse problema tinha sido resolvido com seu casamento, já que Wren era extremamente rica. A fortuna que ela trouxera para a união permitira-lhes reparar os danos dos anos e restaurar, por um lado, a casa e o parque, e, por outro, as fazendas, à sua antiga glória e prosperidade. Porém, como se sabe, Roma não foi construída em um dia, tal qual a condessa viúva não hesitou em comentar após sua chegada. Ainda havia muito a ser feito. Muito mesmo. Pelo menos a casa agora tinha um ar de lugar habitado.

Havia alguns outros convidados além dos Westcott e seus respectivos cônjuges e filhos. Havia a sra. Kingsley, de Bath, com seu filho e nora, o reverendo Michael e Mary Kingsley, de Dorsetshire. Eram a mãe, irmão e cunhada de Viola, uma ex-condessa de Riverdale, cujo casamento de mais de vinte anos com o falecido conde fora exposto de forma escandalosa como bigamia após a morte dele. Houvera muitas complicações em torno desse episódio desagradável, mas tudo tivera um final feliz para Viola. Afinal, nesse exato dia, véspera de Natal, ela se casara na igreja do vilarejo com Marcel Lamarr, o marquês de Dorchester. Os recém-casados estavam na casa agora, assim como os filhos gêmeos de Dorchester, de dezoito anos.

E Colin Handrich, barão Hodges, irmão de Wren, também estava presente. Pela primeira vez em seus vinte e seis anos, ele experimentava um verdadeiro Natal em família e, após se sentir um pouco desconfortável no dia anterior, apesar de ter sido calorosamente recebido por todos, agora estava apreciando muito.

A casa estava agitada com atividade. Houvera o casamento naquela manhã — um evento totalmente inesperado, era preciso acrescentar. O marquês irrompera sobre eles sem aviso prévio na noite anterior, armado com uma licença especial e um pedido urgente de casamento para Viola, apenas alguns meses depois de ter rompido o compromisso de forma espetacular e escandalosa durante a festa de noivado em sua própria casa. Mas essa era outra história, e Colin não estivera lá para presenciá-la em primeira mão. O casamento fora seguido por um café da manhã festivo, veloz e impressionantemente organizado pela criada já sobrecarregada de Riverdale, sob a supervisão de Wren.

Aquela tarde tinha sido de tentativas risonhas de adicionar novas peças às decorações do evento da noite anterior. Havia por toda parte, ao que parecia, ramos de pinheiro perfumados, azevinho, hera e visco, sem mencionar fitas, sinos, laços e todo o restante do aparato associado às festas de dezembro — na sala de visitas, nas escadas, no corredor, na sala de jantar. Um ramo de azevinho, feito sob a orientação de Lady Matilda Westcott, a solteirona filha mais velha da condessa viúva, havia sido pendurado no lugar de honra do teto da sala de visitas e causava risos, assobios e rubores desde o dia anterior, sempre que os convidados se beijavam ao passar por baixo. Um tronco de Yule seria trazido naquele dia e posicionado na grande lareira no salão principal, pronto para ser aceso à noite.

E, a todo momento, enquanto se movimentavam, subiam e se empoleiravam, alfinetavam e se equilibravam, picavam os dedos, beijavam-se e ruborizavam, cheiros tentadores subiam das cozinhas abaixo: pudins de Natal, biscoitos de gengibre, tortas de carne, presunto de Natal, entre outras delícias.

E havia a neve como uma maravilha e distração constantes, atraindo-os para cada janela disponível muito mais vezes do que era necessário, para se assegurarem de que não parara de cair e que não estava derretendo antes de tocar o solo. Fazia dias que a neve estivera ameaçando, até que finalmente começara durante o casamento, naquela manhã. Continuara com vigor durante todo o dia desde então, a ponto de agora estar provavelmente na altura dos joelhos.

Neve, e em quantidades tão copiosas, era uma raridade na Inglaterra,

em especial no Natal — segundo não paravam de dizer um para o outro a tarde toda.

E agora, naquela noite, os cantores da vila haviam percorrido o caminho até a entrada da mansão para entoar cânticos de Natal. O tronco de Yule fora aceso, a família se reunira e os cantores tinham chegado, contra toda expectativa — exclamando, batendo os pés, balançando cachecóis, sacudindo luvas e esfregando narizes vermelhos para deixá-los ainda mais vermelhos — e então ficando quietos, cada vez mais autoconscientes, observando ao redor a família e os amigos reunidos no grande salão para ouvi-los.

Eles cantaram por meia hora, e sua plateia ouviu, vez ou outra juntando-se a eles. A condessa viúva e a sra. Kingsley estavam sentadas em cadeiras de madeira estofadas e ricamente entalhadas, perto da grande lareira para se beneficiar dos troncos incandescentes que crepitavam ao redor do tronco de Yule. Proporcionava mais um efeito de alegria do que calor real ao resto do salão, porém os demais estavam felizes em permanecer de pé até que os cantores chegassem, ao fim de seu repertório, e todos aplaudissem. Alexander fez um breve discurso desejando a todos um feliz e saudável Ano-Novo. Então todos começaram a circular, misturando-se, conversando e rindo alegremente enquanto copos de vinho quente com especiarias e bandejas de tortas de carne quentes eram trazidos das cozinhas e oferecidos primeiro aos cantores e depois aos hóspedes da casa.

Após algum tempo, Colin se viu em pé no meio de tudo isso, sozinho por um momento, conscientemente desfrutando da atmosfera calorosa e festiva da cena ao seu redor. Do que ele podia observar, não parecia haver uma nota dissonante entre a multidão feliz — se ignorássemos a impaciência com que a condessa viúva afastava o xale pesado que Lady Matilda tentava enrolar em seus ombros.

Era assim que uma família deveria ser.

Era assim que o Natal deveria ser sempre.

Era um ideal de perfeição, é claro, e os ideais não eram frequentemente alcançados, assim como também não eram sustentáveis por muito tempo, mesmo quando alcançáveis. A vida nunca poderia ser felicidade inabalável, mesmo para uma família unida como aquela. No entanto, às vezes, havia momentos em que era, e aquele, certamente, era um deles. Merecia ser reconhecido, apreciado e saboreado.

E invejado.

Ele sorriu para as três jovens senhoritas do outro lado do salão, as

cabeças juntas, tagarelando, rindo e lançando olhares furtivos na sua direção. Não era de todo surpreendente. Ele não era excessivamente convencido, mas *era*, de fato, um jovem cavalheiro solteiro em posse de um título e de fortuna. Cavalheiros solteiros acima dos vinte anos estavam em falta ali em Brambledean. De fato, ele era o único, com exceção do capitão Harry Westcott, filho de Viola, que retornara das guerras na Península dois dias antes — também de forma inesperada — a fim de recrutar soldados para seu regimento. Infelizmente para as três senhoritas, no entanto, o capitão era irmão de uma delas e primo da outra. Apenas Lady Estelle Lamarr, filha do marquês de Dorchester, não tinha parentesco com ele por sangue, embora tivesse se tornado sua meia-irmã naquela manhã.

Quando viram Colin sorrir, todas baixaram a cabeça, e, acima do burburinho geral, ele pôde ouvir uma delas dando risadinhas. Ora, por que ele não parecia e se sentia satisfeito com o que via — e lisonjeado com sua atenção? Todas eram notavelmente bonitas de maneiras diferentes, mais jovens que ele e solteiras, pelo que ele sabia. Todas eram elegíveis, até mesmo Abigail Westcott, filha de Viola e do falecido conde de Riverdale, cujo nascimento fora declarado ilegítimo quase três anos antes, após a revelação desastrosa sobre a bigamia de seu pai. Colin não se importava com esse suposto estigma sobre o nome dela. Lady Jessica Archer era meia-irmã do duque de Netherby e filha do ex-duque e de sua segunda esposa, a mais nova das irmãs Westcott.

Durante os seis meses desde que Wren se casara com Alexander, não havia sido fácil entender as complexas relações dentro daquela família, mas Colin acreditava que finalmente as dominara, mesmo as conexões por casamento.

Ele estava prestes a passear pelo salão para perguntar às três jovens damas o que tinham achado dos cânticos natalinos, quando sua irmã apareceu ao seu lado e lhe entregou um copo de vinho quente.

— Você vai ter que ficar aqui esta noite, afinal, Colin, graças à neve — disse ela, parecendo satisfeita.

— Mas você já está com a casa cheia, Roe — ele protestou, embora na verdade soubesse que seria impossível voltar para casa naquela noite e ainda mais impossível retornar no dia seguinte. O lugar que ele chamava de casa era Withington House, a quinze quilômetros de distância, onde ele vivia desde o verão. Pertencia a Wren, mas ele tinha se mudado feliz para lá quando ela ofereceu, em vez de ficar em Londres, onde morara durante todo o ano nos últimos cinco anos.

— *Roe* — repetiu ela, suave e afetuosamente. Ela havia sido batizada

como Rowena. *Roe* tinha sido o nome de infância de Colin para ela, e ele ainda a chamava assim quando conversavam, mesmo que o nome houvesse sido legalmente alterado para Wren. — Um hóspede a mais não causará nenhum alvoroço e nos deixará a todos muito mais felizes. A mim em particular. Os cânticos natalinos não foram maravilhosos?

— Sim, maravilhosos — ele concordou, embora os cantores tivessem sido mais entusiasmados do que musicais.

— E o casamento esta manhã foi perfeito — falou ela, com um suspiro feliz. — E o café da manhã do casamento depois. E a neve e a colocação de mais decorações e... oh, e tudo. Você já viveu um dia mais feliz que esse?

Ele fingiu pensar, os olhos erguidos para o teto alto do grande salão, o dedo indicador batendo no queixo. Ele levantou o dedo.

— Sim, já vivi, na verdade. O dia em que Alexander veio me visitar em meu apartamento em Londres e descobri que você ainda estava viva, e fui com ele encontrá-la pela primeira vez em quase vinte anos.

— Ah. Sim. — Ela abriu um grande sorriso para ele, os olhos luminosos com a memória. — Ah, sim, de fato, Colin, está certo. Quando olhei para você, e você pronunciou meu nome, e eu percebi que era aquele menininho de cabelos desgrenhados de que eu me lembrava... Foi de fato um dia inesquecível.

Aos seis anos ele tinha sido informado de que Rowena, de dez, morreria logo após sua tia a levar embora de Roxingley, supostamente para consultar um médico sobre a grande marca de nascença avermelhada que inchava um lado de seu rosto e a havia desfigurado horivelmente. Na realidade, não houvera médico nem morte. Tia Megan havia tirado Rowena de uma casa na qual ela tinha sido isolada e era frequentemente trancada em seu quarto para que ninguém precisasse olhar para ela. Tia Megan tinha se casado logo depois com Reginald Heyden, um rico cavalheiro conhecido seu, e os dois haviam adotado Rowena Handrich, alterado seu nome para Wren Heyden e a criado como sua própria filha. Colin, enquanto isso, tinha ficado profundamente triste pela sua amada irmã e companheira de brincadeiras. Ele só descobrira a verdade naquele ano, quando Alexander o procurara logo após se casar com ela.

Wren era adorável, apesar das marcas arroxeadas no lado esquerdo do rosto onde antes ficava o inchaço vermelho quando ela era criança. E ela estava mais bela do que nunca nos últimos dias. Alexander não tinha perdido tempo em engravidá-la.

— O Natal era um momento feliz para você quando era menino, Colin?

— O rosto dela assumiu um ar saudoso enquanto o encarava.

Ele tinha crescido como parte de uma família — com sua mãe e seu pai, um irmão mais velho e três irmãs mais velhas. Roxingley Park era uma propriedade grandiosa onde sempre havia uma abundância das coisas boas da vida — isto é, das coisas materiais. Seu pai tinha sido um homem rico, assim como Colin era agora. Os Natais vinham e iam, mesmo depois da suposta morte de Rowena, a mais nova de suas irmãs, e da morte real de seu irmão Justin, nove anos depois. Mas ele não se lembrava desses eventos como ocasiões familiares calorosas. Não como essa. Nem perto disso.

— Sinto muito — disse ela. — Você parece melancólico de repente. Tia Megan e tio Reggie sempre tornaram o Natal muito especial para mim e um para o outro. Não como este, é claro. Éramos apenas nós três, mas era muito adorável mesmo assim e cheio de amor. A vida vai melhorar para você, Colin. Eu prometo. E você vai ficar aqui esta noite. Vai ficar o dia todo amanhã e provavelmente todo o dia depois no Natal também. *Com toda a certeza*, na verdade, pois vamos seguir em frente com os planos para nossa festa do dia 26, mesmo que alguns de nossos convidados achem impossível chegar aqui. Este vai ser o melhor Natal de todos. Eu já decidi, e não aceitarei um não como resposta. Já é o melhor, na verdade, embora eu desejasse que tia Megan e tio Reggie ainda estivessem vivos para fazer parte. Você os teria amado, e eles teriam amado você.

Ele abriu a boca para responder, mas Alexander tinha capturado o olhar dela de onde estava, atrás dos refrescos, e ela havia pedido licença para atravessar a multidão de convivas de volta em direção a ele para distribuir mais vinho quente aos cantores antes que eles partissem.

Colin observou o salão outra vez, ainda se sentindo aquecido e feliz — e um pouco melancólico por ter sido lembrado da ruptura que houvera e sempre haveria em sua família. E talvez também pela admissão de que, embora ele fosse agora o barão Hodges e portanto chefe de sua família, e embora contasse com vinte e seis anos e não tivesse mais a desculpa de ser apenas um garoto, ele não havia feito nada para reunir os membros remanescentes — sua mãe, suas três irmãs e respectivos cônjuges e filhos. Não ia a Roxingley desde os dezoito anos, quando retornou para o funeral de seu pai. Também não fizera nada para perpetuar sua linhagem, para criar sua própria família, algo mais parecido com a família Westcott. Estes tinham sofrido problemas suficientes nos últimos anos e, sem dúvida, antes disso também. A vida era assim. Mas seus problemas pareciam fortalecer em vez de afrouxar os laços que os uniam.

Não era assim com a família Handrich.

Seria possível? Era possível? Ele estava pelo menos pronto para tentar? Fazer algo positivo com sua vida em vez de apenas flutuar de um dia para o outro e mais ou menos se esconder da enormidade que uma atitude implicaria? Seus olhos pousaram novamente no grupo do outro lado do salão. As jovens damas haviam sido acompanhadas pelos três filhos em idade escolar de Lorde e Lady Molenor. Winifred Cunningham, a jovem sobrinha de Abigail, estava com eles também, assim como alguns dos cantores mais jovens. Todos conversavam alegremente, riam e se comportavam como se aquela véspera de Natal fosse o dia mais feliz de todos — como de fato era.

Colin de repente sentiu como se tivesse cem anos a mais que o mais velho deles.

— Um tostão por seus pensamentos — uma voz disse bem perto, e ele se virou para a pessoa.

Ah. Lady Overfield.

A mera visão dela elevou seu humor e trouxe um sorriso ao seu rosto. Gostava dela e a admirava mais do que a qualquer outra mulher de seu círculo de conhecidos, talvez mais do que qualquer outra pessoa, homem ou mulher. Para ele, ela vivia em um tipo de pedestal, acima do nível de outros mortais. Ele poderia até mesmo estar completamente apaixonado se ela tivesse a mesma idade dele ou menos. Embora mesmo assim parecesse desrespeitoso de alguma forma. Ela era seu ideal de feminilidade.

Era a irmã mais velha de Alexander, cunhada de Wren, bela por completo. Colin tinha plena consciência de que outras pessoas poderiam não concordar. Ela tinha cabelos claros, uma figura esbelta e um rosto mais amigável do que abertamente encantador. No entanto, Colin ponderou, suas experiências de vida o haviam ensinado a olhar mais fundo do que as aparências superficiais para descobrir a beleza ou a falta dela. Lady Overfield era talvez a mulher mais bela que ele já conhecera. Havia algo sobre seu comportamento que exalava uma tranquilidade aparentemente inabalável combinada com um olhar cintilante. Mas ela não guardava esses atributos para si mesma. Pelo contrário, direcionava-os para fora, pois queria tocar outras pessoas. Não chamava atenção para si, mas a concedia aos outros. Era a melhor amiga de todos na família, aquela com quem todos se sentiam apreciados e confortáveis, aquela que sempre ouviria e nunca julgaria. Havia sido a primeira amiga de Wren — Wren tinha quase trinta anos na época — e essa amizade permanecia firme. Colin a teria amado apenas por isso.

Ele havia gostado dela desde a redescoberta de sua irmã, mas vinha sentindo uma afeição especial desde o dia anterior. Sentira-se um pouco deslocado entre os membros de uma família unida, embora todos o tivessem recebido bem. Lady Overfield o tinha destacado, no entanto, para oferecer uma atenção especial. Havia conversado com ele a noite toda a partir do local onde se empoleirara, no banco da janela, na sala onde todos estavam reunidos, incentivando-o a falar sobre tópicos que ele normalmente não teria levantado com uma mulher, e apenas fazendo alguns apontamentos para que ele continuasse a falar. Colin logo relaxou. Também se sentiu honrado, pois, para ela, ele devia parecer pouco mais que um menino desajeitado. Ele imaginava que ela devia ter por volta de trinta e poucos anos em contraste com os seus vinte e seis. Não sabia quanto tempo fazia que ela era viúva, mas devia ter sido muito jovem quando perdeu o marido, pobre dama. Não tinha filhos. Vivia com a sra. Westcott, sua mãe, na antiga casa de Alexander em Kent.

Ela tinha lhe feito uma pergunta.

— Eu estava tentando decidir — disse ele, acenando na direção do grupo de jovens — com qual das três senhoritas eu deveria me casar.

Ela pareceu surpresa por um momento e depois riu com ele enquanto olhava para o outro lado da sala.

— Ah, de veras? — disse ela. — Mas não ouviu, Lorde Hodges, que quando se olha através de uma sala lotada para aquela única pessoa destinada a ser o amor da sua vida, nós não temos dúvidas? Se o senhor olhar e encontrar *três* possíveis candidatas para a posição, então é altamente provável que nenhuma delas seja a escolha certa.

— Ai de mim — emendou ele. — Tem certeza?

— Bem, não *completamente* — ela admitiu. — Todas têm belezas notáveis, não? Devo aplaudir seu gosto. Também observei que elas não são indiferentes aos seus encantos, pois estão lançando olhares furtivos na sua direção e trocando cutucadas e risadinhas desde ontem: ao menos Abby e Jessica. Estelle chegou apenas hoje depois do casamento, porém, parece igualmente impressionada pelo senhor. Mas, Lorde Hodges, está *mesmo* procurando uma esposa?

— Não — respondeu ele, após uma leve hesitação. — Na verdade, não realmente. Eu não estou, mas começo a sentir que talvez devesse estar. Em algum momento. Talvez em breve. Talvez não por mais alguns anos. E que tal essa resposta? Parece-lhe firme e decisiva?

— Admirável — disse ela, rindo novamente. — Tenho certeza de que

o mundo feminino jovem e o de suas respectivas mães entrarão em êxtase quando começar sua busca de fato. Já deve saber que é um dos solteiros mais cobiçados da Inglaterra e nem um pouco desagradável aos olhos. A propósito, Wren está radiante de felicidade pelo fato de o senhor ficar aqui esta noite. Ela ficou desapontada ontem quando o senhor insistiu em voltar para casa.

— Acredito que a neve ainda está caindo lá fora, Lady Overfield. Se eu tentasse ir para casa, poderiam só encontrar minhas sobrelhas acima da neve quando viessem fazer buscas. Parece que estou preso aqui por pelo menos mais alguns dias.

— Melhor aqui do que lá, mesmo que pudesse chegar em segurança em casa. O senhor ficaria preso lá e completamente sozinho no Natal. Só de pensar nisso me dá vontade de chorar. Mas pode me chamar de Elizabeth? Ou até mesmo Lizzie? Meu irmão, afinal, é casado com sua irmã, o que nos torna praticamente irmãos, não é mesmo? Posso chamá-lo de Colin?

— Por favor, Elizabeth — respondeu ele, sentindo-se um pouco desconfortável ao dizer o nome dela. Parecia uma imposição. Mas ela é que havia pedido, uma marca particular de aceitação. Que Natal felicíssimo aquele estava se tornando, e nem era ainda o dia da celebração. Como ele poderia sequer considerar sentir-se melancólico?

— Você deve ser muito grato pela neve — continuou ela. — Agora não terá que perder parte da manhã viajando. A manhã de Natal é sempre uma das minhas favoritas do ano, se não a minha favorita de *todas*. Não é um verdadeiro deleite ter um Natal branco? E isso já foi comentado uma vez ou duas hoje? Mas não consigo me lembrar da última vez que aconteceu. E também nem é só uma poeirinha para brincar com as esperanças das crianças em todos os lugares, mas uma queda expressiva. Eu apostaria na aparição súbita de um exército de bonecos de neve e talvez de damas de neve amanhã, bem como uma horda celestial de anjos de neve. E batalhas de bolas de neve e passeios de trenó... há um trenó antigo na garagem, aparentemente. E podemos descer a colina a bordo de um deles. Existem trenós também, que realmente deveriam estar em um museu em algum lugar, de acordo com Alex, mas que certamente funcionarão tão bem quanto os novos. Há até uma colina, embora não seja muito montanhosa, infelizmente. Mas vai servir. Não se arrependerá de ter ficado.

— Talvez eu escolha passar um Natal mais tradicional em uma cadeira confortável perto do fogo, comendo comidas reconfortantes, bebendo vinho quente e tirando uma soneca.

Ela o olhou, novamente surpresa.

— Oh, você não poderia ser tão desanimado — disse ela, notando o brilho em seu olhar. — Você seria motivo de piada. Um pária. Expulso de Brambledean em profunda desgraça, para nunca mais ser admitido em seus portais, mesmo que seja *irmão* de Wren.

— Isso também significa que nenhuma de suas jovens primas estaria disposta a se casar comigo? — ele perguntou.

— Exato, significa exatamente isso — ela assegurou. — Nem mesmo eu.

— Ah — falou ele, batendo a mão no lado esquerdo do peito. — Meu coração estaria partido.

— Eu não teria pena de você, mesmo que viesse até mim com os pedaços na mão.

— Cruel. — Ele suspirou. — Então é melhor eu estar preparado para sair amanhã e fazer alguns anjos e atirar bolas de neve, de preferência em você. Eu já a aviso, porém, que eu era o principal arremessador do meu time de críquete na escola.

— Que modéstia — disse ela. — Para não mencionar a galanteria. Mas vejo que dois dos criados estão acendendo as lanternas dos cantores. Eles estão prestes a sair. Vamos lá para nos despedir?

Elizabeth aceitou o braço oferecido e eles uniram-se à multidão junto às grandes portas. O nível de barulho aumentou enquanto todos agradeciam novamente aos cantores de natal e os cantores agradeciam a todos em retorno e todos desejavam a todos um feliz Natal.

Colin decidiu que estava *feliz*. Ele era parte de tudo aquilo. Era um membro aceito da família Westcott, mesmo que apenas um membro colateral. Lady Overfield — Elizabeth — havia observado que eles eram praticamente irmãos. Ela havia brincado e rido com ele. A mão dela ainda estava enlaçada em seu braço. Decerto não havia felicidade maior.

Havia uma batalha de bolas de neve e trenós pelos quais esperar pela manhã.

E presentes para trocar.

E ganso recheado e pudim de Natal.

Sim, era muito bom pertencer a um grupo e a um lugar.

A uma família que não era realmente sua.

DOIS

Elizabeth Overfield vinha lutando contra a melancolia nos últimos dias e se repreendia severamente por isso. Esse seria com certeza o Natal mais feliz. Estava passando-o com sua mãe, seu irmão, cunhada e todo o clã Westcott. Os Radley, o lado da família de sua mãe, estariam ali também se não tivessem um compromisso anterior, mas já haviam concordado em vir no ano seguinte.

Era quase um milagre que todos os Westcott estivessem reunidos ali em Brambledean. O grande abalo acontecido dois anos e meio antes poderia facilmente tê-los separado em facções zangadas e amargas. Não obstante, não havia acontecido. Pelo contrário, a família havia se unido e permanecido unida. Viola, a ex-condessa de Riverdale, despojada de seu título, havia se casado ali naquela manhã. Seus três filhos, oficialmente ilegítimos, estavam todos ali também. Assim como Anna, a duquesa de Netherby, a única filha legítima do falecido conde. Nenhum deles parecia ressentir-se de forma alguma com o irmão de Elizabeth, Alex, que havia herdado o título de Riverdale.

Era ilógico, então, estar deprimida.

Depois que os cantores terminaram seus cânticos, Elizabeth olhou ao redor do salão e tentou sentir o clima de felicidade incontestável que todos os outros pareciam sentir. Seus olhos se fixaram em Lorde Hodges, parado temporariamente sozinho no meio da multidão, uma expressão melancólica e quase sombria no rosto. Seu coração se compadeceu dele como havia acontecido no dia anterior, quando sentiu seu desconforto em estar ali entre uma família de pessoas que eram praticamente estranhas a ele. Elizabeth o havia acolhido então e se viu inesperadamente encantada por seu charme tranquilo, olhos azuis sorridentes, sua figura alta, esguia, juvenil e boa aparência loira. Passar algumas horas da noite conversando com ele tinha sido um grande prazer, mas não havia contribuído em nada para elevar seu desânimo geral — ela se viu querendo ser jovem outra vez, como ele era jovem agora e cheio da vitalidade juvenil que um dia também fora sua, até que o passar dos anos e um casamento desastroso a tivessem exaurido dessas características.

Talvez fosse sábio ter ficado longe dele naquela noite. Não desejava desenvolver algum tipo de afeto por ele, certo? Seria quase patético. Aproximou-se dele mesmo assim e foi recompensada com um sorriso e seu caloroso senso de humor. No entanto, sentiu certa solidão nele, como sentira na noite anterior. Aquela não era a família *dele*, afinal. Apenas Wren era algo seu.

A solidão poderia parecer um pouco mais intensa em circunstâncias como essas, quando se estava cercado de amigos — e família no caso dela —, mas nenhum deles era *aquela* pessoa em particular, aquele amor de sua vida de quem ela falara havia alguns minutos. Houve um tempo em que ela pensara ter encontrado esse amor. Até mesmo se casara com ele. Mas acabou que, apesar dos protestos em contrário, Desmond Overfield havia preferido o álcool a ela, e o amor de Elizabeth por ele tinha tido uma morte dolorosa mesmo antes de ele fazer sua passagem dessa vida. Ou talvez nunca tivesse morrido completamente. O amor podia morrer se era real?

Seu estado solitário havia parecido ainda mais agudo como resultado do casamento de Viola com o marquês de Dorchester naquela manhã — uma união que ela acreditava que seria feliz, embora nada nesta vida fosse certo.

A situação de Lorde Hodges — Colin — era bastante diferente da sua, é claro. Ele ainda era muito jovem, estava apenas na casa dos vinte e poucos anos, ela diria. Ela o observava enquanto ele apertava as mãos de alguns dos cantores, parabenizava-os e lhes desejava um retorno seguro para casa através da neve. Alguma jovem teria muita sorte quando ele realmente se decidisse pelo casamento. Ela se sentiu de repente muito mais velha, se não idosa. Será que alguma vez já tinha sido jovem como as três garotas com quem ele mencionara casamento em tom jocoso, minutos antes? Elas, autoconscientes, espiando os jovens cavalheiros, com toda a vida, esperança e felicidade pela frente? Mas é claro que já.

— Que dia maravilhoso está sendo este — Anna disse ao seu lado. — Você acha que amanhã será um anticlímax, Elizabeth?

— Quando há presentes para dar e receber e o ganso para consumir e a cerimônia de Natal na igreja para esperar? E a neve nos chamando para sair? Acho que não será.

Avery, duque de Netherby, marido de Anna, suspirou e estremeceu.

— Você não está pensando em nos forçar a ir lá fora para brincar, está, Elizabeth? — indagou ele.

— Ah, pois ela está — assegurou Colin. — Ela ameaçou me banir

permanentemente de Brambledean se eu tentasse insistir em cochilar perto da lareira como todo cavalheiro civilizado deveria fazer no dia de Natal. E ela tem poder, Netherby. Ela é irmã de Riverdale.

Elizabeth sorriu com a brincadeira.

Avery levou o monóculo ao olho e a observou, sua expressão dolorida. Ela piscou alegremente de volta para ele, e todos voltaram sua atenção para a partida dos cantores, que estavam saindo nos degraus recém-varridos, mas descendo na profunda neve branca, seus cachecóis enrolados em torno das orelhas, os chapéus e bonés puxados para baixo, as lanternas erguidas. Uma rajada de vento frio e até mesmo alguns flocos de neve invadiram o grande salão enquanto despedidas, agradecimentos e votos de boas festas eram trocados novamente.

— Como ainda há muito vinho quente na tigela — disse Alex, elevando sua voz acima do burburinho levemente reduzido depois que as portas se fecharam atrás dos aldeões que acabavam de partir —, e como deve fazer seis ou sete horas desde que brindamos pela saúde e felicidade do marquês e da marquesa de Dorchester pela última vez, sugiro que o façamos novamente antes de todos nos recolhermos e encerrarmos a noite. Wren, onde você está? Pode passar os copos enquanto eu os sirvo, por gentileza.

Viola, outrora a condessa de Riverdale, agora Viola Lamarr, marquesa de Dorchester, parecia incrivelmente feliz. Na verdade, ela reluzia como a noiva recém-casada que era. E o marquês a olhava com um brilho nos olhos escuros que deixava Elizabeth se sentindo levemente sem fôlego e... com inveja?

Mas não, não isso. Jamais invejaria a felicidade de Viola. Desejava algo assim para si, apenas. Era esse anseio que sentia. E solidão outra vez.

Houvera vários casamentos na família durante os últimos dois anos mais ou menos, a começar pelo de Anna com Avery. Anna havia morado com Elizabeth por um curto período depois de chegar a Londres do orfanato onde crescera, sem saber que era filha do conde de Riverdale — a filha legítima. Elizabeth havia morado com ela para ajudá-la a se ajustar à sua nova vida e se sentir menos confusa e sozinha. Ela e o secretário de Avery tinham sido as únicas testemunhas em seu casamento. Então Camille, a filha mais velha de Viola, havia se casado com Joel Cunningham em Bath, e Alex se casara com Wren em Londres. Agora Viola, de quarenta e dois anos, se casara com o marquês ali em Brambledean. E os quatro casamentos na família pareciam ter uma coisa em comum, pelo que Elizabeth podia julgar de fora. Todos os quatro haviam acontecido por amor. Todos os quatro

tinham boas chances de permanecer uniões felizes no futuro.

— Senhoras? — chamou Colin. Ele tinha ido até a tigela de vinho quente com Wren e voltara com um copo em cada mão, um para Elizabeth e outro para Anna. — Mas nada de beber antes que todos tenham sido servidos e o brinde tenha sido proposto.

— Tirano — repreendeu Elizabeth. — Nem um pequeno gole?

— De jeito nenhum — disse ele, mas seus olhos brilhavam para ela. — Ordens de Alexander. Senhor da propriedade e tudo mais.

— Fico imaginando qual seria a penalidade por desobediência — comentou Anna.

— Você não gostaria de saber — ele lhe respondeu, piscando antes de voltar para a tigela, a fim de ajudar a distribuir os copos.

— Estou muito feliz que Lorde Hodges e Wren tenham se encontrado novamente — falou Anna. — Famílias realmente não deveriam ficar separadas por muitos anos.

Elizabeth sorriu com compreensão para ela e notou que Avery havia passado um braço em torno de sua cintura. A inveja a tomou de assalto uma vez mais. E a solidão. Deveria tomar alguma atitude a respeito. Contava com trinta e cinco anos. Não era jovem, mas certamente não era velha. E tinha perspectivas. Durante as duas últimas temporadas, as quais passara em Londres com a mãe, ela encontrara alguns cavalheiros que haviam demonstrado interesse, tanto novos quanto antigos conhecidos. Era possível que viesse a se casar outra vez. Ela fora veementemente contra se casar de novo após a morte de Desmond. O casamento com ele havia lhe feito sentir um respeito saudável pela liberdade e independência, mas nem todos os homens eram como ele. Nem todos os casamentos eram infelizes ou piores. E havia atrativos no matrimônio.

Um desses cavalheiros, de fato, havia expressado um interesse muito definido. Sir Geoffrey Codaire propusera casamento a ela muitos anos antes, logo depois que ela conhecera Desmond. Ele havia renovado sua amizade com ela durante os últimos dois anos, e o cavalheiro continuava tão sólido de porte físico e caráter como sempre; nem particularmente bonito nem especialmente vibrante em termos de personalidade, mas... bem, sólido e digno. Ele era alguém de quem ela poderia esperar uma companhia tranquila e confortável. Era alguém em quem ela poderia confiar. Cada vez mais, ultimamente, ela considerava aceitar a oferta refeita por ele na primavera. Declinara, mas quando ele perguntou se poderia renovar suas

investidas alguma vez no futuro, ela hesitou, e ele insistiu em tomar como um sinal esperançoso e a instou a não responder à pergunta. Ela não o fez, e eles deixaram como estava. Talvez naquela próxima primavera, se ele perguntasse novamente, ela diria sim.

Talvez no próximo Natal já não estivesse mais sozinha. Talvez aquela pontinha de melancolia de que ela não conseguia se livrar fosse banida por um novo casamento, o seu desta vez. Até poderia estar grávida, como Wren estava naquele ano. Às vezes, ela ansiava pela experiência da maternidade.

O reverendo Michael Kingsley, irmão de Viola, foi chamado para propor o brinde, e o silêncio desceu sobre o grande salão quando Alex bateu a concha contra o lado da tigela de vinho quente.

Colin tinha se juntado aos jovens, Elizabeth pôde ver, e estava com Jessica de um lado e o jovem Bertrand Lamarr, o filho do marquês de Dorchester, do outro. Sua mão livre, aquela que não segurava o copo, estava descansando no ombro da pequena Winifred — os jovens tinham sido autorizados a ficar acordados até tarde naquela noite. Ele estava feliz. Estava onde deveria estar.

O reverendo Kingsley pigarreou, e Elizabeth voltou sua atenção para o brinde que ele estava prestes a propor.

* * *

O dia de Natal começou cedo, com o café da manhã e a troca de presentes, a maioria dentro de pequenos grupos familiares. Colin foi convidado a se juntar a sua irmã e seu cunhado e à sra. Westcott e Elizabeth na sala de estar privativa de Wren, onde recebeu uma belíssima caneca de vidro multicolorido gravada com seu nome, proveniente da fábrica de vidros de Wren, um novo pingente para seu relógio, da sra. Westcott, e um cachecol de lã macia e vermelho-viva, de Elizabeth. Ele havia comprado porta-cartões de couro combinando para Wren e Alexander, um xale de paisley para a sra. Westcott e um caderno de capa de couro com um pequeno lápis anexado para Elizabeth. Trocar presentes realmente era um deleite, ele descobriu, acompanhado por exclamações de alegria e agradecimentos efusivos e até abraços. Era algo novo para ele, que também trouxera presentes para as crianças.

A maior parte da família acabou no chão do quarto das crianças, onde os pequenos abriram seus presentes e os exibiram para a admiração dos adultos e para brincaram com eles, embora o jovem Jacob, era verdade, estivesse mais interessado em balançar as mãos diante dos sorrisos de sua mãe e seu pai do que em apreciar os novos bichinhos de pelúcia que lhe

apresentavam e o chocalho em torno do qual curvaram seus dedinhos. A pequena Sarah Cunningham, de um ano, por outro lado, corria pelo quarto, gritando de alegria ao colocar sua nova boneca no colo da mãe, para então pegá-la de volta, abraçá-la e acariciá-la antes de colocá-la no colo de outra pessoa. Winifred Cunningham agradeceu a todos solenemente por fitas de cabelo, luvas, pulseiras e anéis e então mergulhou em um de seus três novos livros e se perdeu no mundo da leitura. Josephine Archer pulava no colo do duque de Netherby e tentava morder uma das patas de um cachorro de pelúcia.

Os três filhos de Lorde Molenor, que estavam na adolescência e, portanto, não deveriam se qualificar para receber presentes de todos, de acordo com seu pai, exclamavam sobre tacos de críquete, bolas, botas, cachecóis, telescópios e livros — estes últimos não provocaram tentação a nenhum deles para começar a leitura imediatamente. Boris balançou de leve a boneca de Sarah e foi recompensado com um abraço e um beijo antes que ela a arrancasse de suas mãos, a abraçasse e a beijasse, para então a empurrar no colo de sua avó. Depois, todos se reuniram na sala de visitas para a distribuição de presentes aos criados — a primeira cerimônia desse tipo em muitos anos. E, surpreendentemente, considerando o caos aparente da manhã e a profundidade da neve, que ainda caía e parava, caía e parava, todos se dirigiram à igreja da vila a tempo para a cerimônia das onze horas.

O antigo trenó, arrumado para parecer quase respeitável e enfeitado com sinos, que tilintavam quando estava em movimento, fez duas viagens para levar os mais velhos. Todos os outros foram caminhando — isto é, escorregando. Qualquer “macaquice” — termo de Lorde Molenor — era estritamente proibida no caminho. Ele berrava com terrível ferocidade quando um de seus filhos deslizava um punhado de neve para dentro da gola do casaco do irmão e a vítima girava com um rugido para retaliar. Não houve mais incidentes além de um escorregão desajeitado que fez Lady Estelle Lamarr cair na neve. Quando seu irmão a ajudou a se levantar, ela parecia uma verdadeira dama de neve. O capitão Westcott a ajudou a se limpar enquanto ela ria, constrangida, e suas bochechas vermelhas de frio ficavam certamente mais escarlates.

Colin caminhou com Camille e Joel Cunningham e carregou a pequena Sarah e sua boneca pela maior parte do caminho, já que os braços de Cunningham estavam ocupados com seu bebê, enquanto Winifred segurava a mão de Camille. Colin sentou-se com eles na igreja, que estava cheia de paroquianos, o que o surpreendeu. Não conseguia se lembrar de nenhum Natal em que sua própria família tivesse ido à igreja. Eles, portanto, haviam perdido talvez o serviço mais emocionante do ano, com

sua ênfase no nascimento, esperança, amor, alegria e paz. No dia de Natal, era possível acreditar em tudo isso, ou pelo menos em sua possibilidade. Camille segurava Sarah, que logo se aconchegou contra ela, com a boneca e tudo, adormecida, enquanto Winifred se apoiava no braço de sua mãe com total confiança no poder de sua família de amá-la e protegê-la. Joel balançava suavemente o jovem Jacob em seu colo quando o bebê começava a resmungar e era recompensado com um sorriso desdentado e pálpebras que se fechavam gradualmente.

Decerto era hora, pensou Colin, de confiar na ideia de família. Ou melhor, confiar em sua própria capacidade de criar uma e talvez até atrair para ela os familiares com quem havia crescido. Wren já fazia parte desse grupo. Assim como sua irmã Ruby e o marido Sean — e seus quatro filhos —, mesmo que morassem na Irlanda e ele não os visse muito e Ruby não fosse a melhor escritora de cartas do mundo. Mas ainda havia sua mãe e sua irmã mais velha, Blanche, e seu respectivo marido. Colin não pensaria neles naquela manhã, no entanto. Não queria sentir o coração pesado.

Caminhava entre Lady Overfield e a sra. Althea Westcott, a mãe dela, esta apoiando-se um pouco em seu braço para não escorregar, cair e fazer um papel ridículo — palavras dela. No entanto, foi acolhida pelo trenó em sua segunda viagem da igreja para a casa, e Elizabeth segurou seu braço quando ele ofereceu, primeiro tirando-lhe a mão enluvada do regalo. Ela estava muito atraente em seu manto vermelho e *bonnet* de abas vermelhas, um contraste vívido com o branco da neve e a geada nos galhos das árvores.

— As botas elegantes de cano médio são totalmente inadequadas para toda essa neve, estou descobrindo — disse ela com pesar. — Só podemos esperar que sequem até esta tarde.

— Você ainda está sonhando com guerras de bola de neve, corridas de trenó e outros horrores ao ar livre, não está? — ele perguntou. — Mesmo que estejamos prestes a ter nosso almoço de Natal e quase certamente vamos exagerar?

— Por esse motivo exato — respondeu ela. — Eu suponho que você ainda esteja sonhando com uma lareira tranquila e uma cadeira confortável.

Ele riu. Os olhos dela brilhavam de prazer com o antecipado deleite de congelar brincando na neve.

— Você já considerou se casar de novo, Elizabeth?

Ela virou o rosto na direção dele bruscamente, erguendo as sobrancelhas.

— Perdoe-me muitíssimo — pediu ele. — Provavelmente foi uma pergunta de extrema falta de educação, para não mencionar abrupta. Mas o Natal nos faz pensar em família, filhos e união, e... bem, esqueça que perguntei, se puder. Acabo de dar um vexame. E sem dúvida você também ficou constrangida.

Mas ela riu de novo.

— Não estou constrangida. E, sim, considere-me casar de novo. Durante muito tempo, não. Pensei que seria contente em viver minha vida como uma filha devota para minha mãe em sua velhice. Infelizmente, não é o que ela quer. E devo confessar que me sinto um pouco aliviada. Comecei a olhar ao meu redor.

Dois dos filhos de Molenor haviam feito uma cadeira com suas mãos entrelaçadas, Colin pôde ver, e Winifred estava montada nelas, com os braços ao redor dos ombros dos garotos. Ela estava rindo — algo certamente raro para ela. Winifred era uma mocinha séria, estudiosa e um tanto carola, que crescera em um orfanato em Bath antes de Camille e Joel a adotarem junto com Sarah no ano anterior, quando eles se casaram. Colin se perguntou se ela percebia que estava destinada a ser lançada na neve sem querer, porém de propósito, antes de chegarem em casa.

— Algum sucesso? — ele perguntou a Elizabeth.

— Sim, acredito que sim — disse ela, após hesitar. — Um cavalheiro que conheço há muito tempo me fez uma proposta no início do ano. Recusei na época, mas ele perguntou se poderia renovar o pedido em algum momento no futuro, e eu não disse não.

— Parece uma grande história de amor — falou ele, virando a cabeça e sorrindo para ela.

Mas, de fato, por que ela se casaria por qualquer outra razão que não fosse amor? Ela decerto tinha sido feita para o amor com um homem que a adoraria e contaria suas bênçãos pelo resto da vida.

— Bem, não é, isto é claro — disse ela. — Talvez eu seja um pouco velha demais para o amor romântico. Ou talvez eu não confie tanto quanto já confiei.

— Ora, isso soa puramente triste — responde ele. E estava falando sério. *Eu não confie...?* Será que o amor a decepcionara? Talvez porque tivesse deixado o marido dela morrer? — E velha demais para romance? Diga isso para aqueles dois.

Ele acenou com a cabeça para o marquês e a marquesa de Dorchester.

Abigail Westcott estava do outro lado de Dorchester; Lady Estelle Lamarr, ao lado da marquesa. Os quatro caminhavam com os braços entrelaçados. Havia uma aura nos recém-casados naquela manhã que tinha feito Colin sentir-se um pouco incomodado, embora não houvesse nada remotamente impróprio em seu comportamento, apenas um brilho nela e uma intensidade nos olhos dele que não podiam ser colocados em palavras adequadas, mas dizia muito.

— Eles parecem felizes — concordou Elizabeth —, depois de apenas vinte e cinco horas de casamento. E, sim, ambos têm mais de quarenta anos.

— Sempre achei que não precisava considerar nada tão drástico quanto o casamento por muitos anos ainda. Afinal, acabei de completar vinte e seis.

— Drástico? — Ela riu. — Grilhões nos pés e inquilinos para a vida toda e todos os outros clichês que vocês cavalheiros gostam de usar?

— E estabelecer uma família e definir o tom que eu gostaria que tivesse. Estabelecer residência em algum lugar e transformá-lo em um lar. Decidir onde isso seria. Escolher uma noiva, sabendo que devo viver com minha escolha pelo resto da vida, e que ela teria que viver com a dela pelo resto da sua. Ser o chefe da minha família. Assumir a responsabilidade por ela. Tornar-me um homem.

Ele parou subitamente, envergonhado, em especial com aquelas palavras finais. E ela não havia deixado passar despercebido.

— Você se vê como menos do que um homem agora, então? — perguntou ela.

— Não sei ao certo o que quis dizer — falou ele. — Tornar-me decisivo, talvez. Firmar os pés e tomar uma posição sólida, talvez. Saber quem sou e para onde estou indo. Para onde quero ir. Para onde devo ir. Você vai pensar que sou um completo idiota. E provavelmente estará certa.

— Eu não penso nada disso — ela protestou. — Muitos rapazes, e moças, em menor grau, acreditam que sabem de tudo e seguem em frente pela vida, reforçando sua opinião sobre si mesmos com cada ação ignorante e nunca alcançando seu pleno potencial como homens, mulheres e seres humanos. Acho que há vantagens definitivas em saber desde cedo que, na realidade, sabe-se muito pouco e que se deve estar sempre aberto para aprender, mudar e se adaptar. Oh, Deus, escute-me só. Ou, melhor, ignore-me, por favor. Existe alguém em mente agora com quem talvez você esteja começando a pensar em casamento? Ou haverá necessidade de jogar uma

moeda para escolher entre as três opções que você estava considerando ontem à noite?

— Nunca vi uma moeda de três lados, infelizmente — disse ele. — Houve alguém na última Temporada, a irmã de um amigo meu. Ela era tímida e não se saía bem com o *ton*. Ofereci-lhe minha companhia em algumas ocasiões e descobri que gostava dela. Acredito que ela gostava de mim. Ocorre que recebi uma carta de seu irmão apenas uma semana atrás, na qual ele me informava de que no Natal anunciariam o noivado dela com um fazendeiro que ela conhece desde sempre e que, aparentemente, amava há anos. Em suma, minha história de amor também não foi grandiosa.

— Minha nossa. Você ficou magoado?

— Quase tenho vergonha de admitir que não. Fiquei feliz por ela e aliviado por mim mesmo, para ser perfeitamente honesto, já que nunca pretendi que minhas atenções fossem interpretadas como cortejo. Obviamente, elas não foram, no entanto. Somos um par triste, patético, Elizabeth. Talvez devêssemos acabar com o nosso sofrimento e nos casarmos um com o outro.

Ele disse isso como uma piada. Mesmo assim, sentiu-se instantaneamente envergonhado por sua própria presunção. Ele e *Elizabeth*?

— Pois bem; há uma ideia que vale a pena considerar — disse ela, com todo o bom humor. — Você disse que tem vinte e seis anos? Eu tenho trinta e cinco. Apenas uma diferença de nove anos. Ninguém sequer comentaria se fosse o contrário: se *você* tivesse nove anos a mais do que eu, quero dizer. Mas temo que, da forma como está, certamente seria comentado. Seria melhor eu não aceitar imediatamente a sua gentil oferta, mas vou colocá-lo em uma lista com algumas outras possibilidades remotas. Talvez até use meu novo lápis e caderno de capa de couro para isso.

— Remota? Ai.

Eles se olharam de soslaio e riram. E, ah, Colin estava *gostando* dela.

— Claro, eu estava completamente ciente da diferença de idade. Ofereci-lhe meu braço apenas porque você é velha e débil. Todos esses nove anos a mais do que eu, sabe... Ah, e ofereci meu braço porque gosto da sua companhia também. Existem certas pessoas com as quais sentimos uma afinidade instantânea, um conforto total, uma facilidade para conversar sobre qualquer assunto, mesmo absurdos, sem ter que recorrer ao clima e à saúde de todos os conhecidos.

— E eu sou uma dessas pessoas? — perguntou ela.

— Sim — confirmou ele. — Com toda sinceridade, Elizabeth.

— Sinto-me tocada — disse ela. — Com toda sinceridade, Colin.

Eles riram novamente, mas o que impressionou Colin foi que ambos estavam sendo sinceros. Nunca tivera uma amiga mulher antes. Boas conhecidas, sim, mas não... Bem, nunca houvera ninguém como Elizabeth antes.

Ele se perguntava se ela sempre fora como era agora, com a serenidade que parecia pairar ao seu redor. Mesmo quando estava brincando e rindo, essa aura estava presente. Talvez ela tivesse nascido assim, capaz de enfrentar as tempestades da vida sem sucumbir ao desencanto ou desespero. Mesmo enquanto pensava nisso, no entanto, ele se lembrava de ela dizer, havia apenas alguns minutos, que talvez não confiasse tanto no amor romântico como antes. E ele pensava no que ela acabara de dizer sobre viver, aprender, mudar e se adaptar. Talvez ela tivesse tido que conquistar essa paz interior que parecia ter alcançado. Mas como? Que experiências perturbadoras havia em seu passado, além da perda de seu marido, é claro? Como havia aprendido a lidar com elas?

Colin nunca aprendera a lidar com as suas. Aprendera apenas a enterrá-las profundamente dentro de si mesmo. Como fugir e se esconder.

— É reconfortante ver uma família colateral começar a se formar, não é? — disse ela, falando sobre as quatro pessoas que estavam caminhando lado a lado à frente deles. — Note que é Abby caminhando ao lado de Marcel, enquanto Estelle está ao lado de Viola.

— Acha que Dorchester fará algo por Abigail Westcott agora que ela é sua enteada? — perguntou Colin. — Talvez a leve para o seio da sociedade e os force a ignorar sua ilegitimidade? Ajudá-la a encontrar um marido digno de sua criação?

— Tenho certeza de que ele faria. *Se* ela desejar, é claro.

— Você acha que ela pode não querer?

— Acho muito possível — respondeu ela. — Todos nós tentamos, sabe, e a maioria de nós tem considerável influência, Alex e Avery principalmente. De fato, não há razão para ela ser ostracizada, embora os mais rígidos certamente sempre considerem que seu nascimento está manchado. No entanto, não tenho certeza se Abby está disposta a permitir que outros a ajudem a se encaixar em uma vida que seria muito semelhante

à sua antiga, mas nunca idêntica. Ela é filha de Viola, doce, quieta e digna. Mas eu acredito que ela tenha uma espinha dorsal feita de aço.

— Ah — falou ele. E ela também era uma garota adorável.

— Oh, oh — Elizabeth disse, de repente. — Isso foi completamente previsível.

Um grito e risadas vieram lá da frente, e o rugido da voz furiosa de Molenor, e Bertrand Lamarr estava puxando Winifred para fora da neve enquanto os meninos de Molenor reprimiam o riso e davam desculpas ao pai por deixá-la cair. Molenor obviamente não estava convencido. Ele pegou cada menino pela gola do casaco e os levou a passos rápidos em direção à casa. Enquanto isso, Winifred estava olhando de maneira meio adoradora para Lamarr.

Colin riu.

— Eu amo esta família — ele declarou. — Eu realmente amo, Elizabeth. E amo este lugar, por mais esfarrapado que ainda esteja no momento. E estou amando este Natal. É o único Natal de verdade que já vivi, sabe.

— É mesmo? — ela perguntou. Então seus olhos ficaram travessos. — Já que também é um Natal branco, devo garantir que você venha a amá-lo ainda mais. Porém, deixe para mais tarde. Quero entrar e tirar essas botas antes que meus pés virem blocos de gelo.

— *Mais tarde*, quer dizer jogos ao ar livre, suponho. Humm. Veremos sobre isso, Lady Overfield. Posso lutar bastante quando sou provocado, sabe.

— Cão que ladra não morde — disse ela, rindo enquanto subiam os degraus para a casa, batiam os pés e sacudiam as bainhas de suas vestes exteriores.

— Também sei lutar sujo.

— Com neve? — Ela o precedeu na casa, sorrindo em agradecimento ao serviçal que segurava a porta aberta. — Impossível, Lorde Hodges. É uma contradição em termos.